

**Idade Madura**

**Carlos Drummond de Andrade**

Enviado por:

Publicado em : 05/11/2012 17:11:02

As lições da infância  
desaprendidas na idade madura.  
Já não quero palavras, nem delas careço.  
Tenho todos os elementos  
Ao alcance do braço.  
Todas as frutas  
e consentimentos.  
Nenhum desejo débil.  
Nem mesmo sinto falta  
do que me completa e é quase sempre melancólico.  
Estou solto no mundo largo.  
Lúcido cavalo  
com substância de anjo  
circula através de mim.  
Sou varado pela noite, atravesso os lagos frios,  
Absorvo epopéia e carne,  
bebo tudo,  
desfaço tudo,  
torno a criar, a esquecer-me:  
Durmo agora, recomeço ontem.

De longe, vieram chamar-me.  
Havia fogo na mata.  
Nada pude fazer,  
nem tinha vontade.  
Toda a água que possuía  
irrigava jardins particulares  
De atletas retirados, freiras surdas, funcionários demitidos.

Nisso, vieram os pássaros,  
rubros sufocados, sem canto,  
e pousaram a esmo.  
Todos se transformaram em pedra.  
Já não sinto piedade.

Antes de mim outros poetas,  
depois de mim outros e outros  
estão cantando a morte e a prisão.  
Moças fatigadas se entregam, soldados se matam

No centro da cidade vencida.  
Resisto e penso  
numa terra enfim despojada de plantas inúteis,  
num país extraordinariamente, nu e terno,  
qualquer coisa de melodioso,  
não obstante mudo,  
além dos desertos onde passam tropas, dos morros  
onde alguém colocou bandeiras com enigmas,  
e resolvo embriagar-me.

Já não dirão que estou resignado  
e perdi os melhores dias.  
Dentro de mim, bem no fundo,  
Há reservas colossais de tempo,  
Futuro, pós-futuro, pretérito,  
Há domingos, regatas, procissões,  
Há mitos proletários, condutos subterrâneos,  
Janelas em febre, massas da água salgada, meditação e sarcasmo.

Ninguém me fará calar, gritarei sempre  
que se abafe um prazer, apontarei os desanimados,  
negociarei em voz baixa com os conspiradores,  
transmitirei recados que não se ousa dar nem receber,  
serei, no circo, o palhaço,  
serei, médico, faca de pão, remédio, toalha,  
serei bonde, barco, loja de calçados, igreja, enxovia,  
serei as coisas mais ordinárias e humanas, e também as excepcionais:  
tudo depende da hora  
e de certa inclinação feérica,  
viva em mim qual um inseto.

Idade madura em olhos, receitas e pés, ela me invade  
com sua maré de ciências afinal superadas.  
Posso desprezar ou querer os institutos, as lendas,  
descobri na pele certos sinais que aos vinte anos não via.

Eles dizem o caminho,  
embora também se acovardem  
em face a tanta claridade roubada ao tempo.  
Mas eu sigo, cada vez menos solitário,  
em ruas extremamente dispersas,  
transito no canto homem ou da máquina que roda,  
aborreço-me de tanta riqueza, jogo-a toda por um número de casa,  
e ganho.